

---

## Sessão Especial - série fotográfica

---

### Regência

*“O tempo sombrio, o vento frio e violento do sul e a agitação das águas do mar aliavam-se ainda à tristeza peculiar a esta região deserta. Durante toda a jornada, o sol ficou coberto pelas nuvens; não sofri mais dos nervos, o que me havia acontecido raramente desde o início de minha viagem, porém, uma profunda melancolia acabou por me vencer; pensei na minha família, da qual havia muito tempo não recebia notícias, e negros pensamentos vieram preocupar-me.”*

Auguste de Saint-Hilaire, outubro de 1818.

Regência, hoje, é uma praia pertencente ao município de Linhares (ES), o último espaço geográfico de terra a separar o Rio Doce do Atlântico. Embora o Rio Doce nunca tenha sido navegável por grandes embarcações, ele foi o principal meio de transporte e comércio entre a Província de Minas Gerais e a Capitania, como era chamada a Província do Espírito Santo no Brasil Colônia.

O lugar marca o fim de uma longa jornada pelo Rio Doce, tanto para a lama produzida pelos resíduos da mineração do ouro na região de Vila Rica (Ouro Preto), Mariana e Catas Altas (MG), quanto para os tropeiros que levavam queijo e produtos agrícolas para vender em Vitória.

Mas enquanto a lama da mineração no Rio Doce encontra o mar, os tropeiros encontram o Quartel da Regência Augusta. Uma cabana isolada, construída em 1800 na margem direita da antiga foz do rio, no meio da areia, para proteger a província da entrada de inimigos.

Uma grande enchente transformou a foz do Rio Doce em 1936 e outra em 1940 (há divergência nas datas), destruindo não só o Quartel da Regência Augusta como também toda a vila que ali se formara. O rio mudou a sua foz de lugar. E muito embora os moradores desabrigados esperassem, ele nunca mais recuou.

Mapas geográficos são categorias políticas. Medidas de distância no mundo grego antigo, medida de investigação na Idade Média, inquérito no século XVIII, medidas de poder hoje. Guerras mudam mapas. Catástrofes políticas, ecológicas e econômicas, mudam mapas. O poder define espaços. O Rio Doce, percurso imaginário, varreu Regência do mapa geográfico. Sublimou Regência, do seu espaço físico, para um espaço simbólico.

Regência é o Rio Doce encontrando o mar. Duas grandezas, dois grandes impérios constituídos de povos e territórios simbólicos. Territórios nos quais homens do rio, homens do mar e homens da terra, mineiros e roçeiros, pescadores e marinheiros, se encontram na singularidade do espaço geográfico da Regência, sob um mesmo imaginário comum: o portal simbólico de uma travessia fantástica.

Regência hoje não é apenas um espaço geográfico varrido pela foz do Rio Doce. É também um portal imaginário de fantasias, sonhos e esperanças constituídas a partir dos mitologemas medievais. A porta de entrada para as terras do ouro e das esmeraldas, das montanhas resplandescentes, da natureza exuberante, exótica e sedutora. Mas ao mesmo tempo guarnecida por violentos índios botocudos, ferozes e antropófagos – dizia-se –, doenças incuráveis, animais monstruosos, armadilhas e perigos constantes. O Rio Doce produzia vapores venenosos nessa região. Os que não morriam sob as lanças dos selvagens, pereciam, ardendo em febre, de doenças misteriosas.

Um imaginário construído a partir de desejos e delírios medievais, no qual a distância que separa o ser do desejo de ser se confunde. O portal de um imaginário edênico marcado por lendas de vida e de morte, de paraísos e infernos, de miseráveis promessas de enriquecimento.

Para além de uma incrível coincidência entre a percepção melancólica de August Saint-Hilaire sobre esse espaço simbólico no Século XIX, esta série fala da Regência como um portal imaginário, como o início de um percurso simbólico de fantasias e delírios do imaginário europeu medieval. Como um deserto, um sombrio deserto, que prenuncia, para os mitologemas que conduzem nossa imaginação, o que sempre pode vir depois.

Rafael Lazzarotto Simioni  
Janeiro de 2016

### **A lama da Samarco S/A**

As fotografias que compõe essa série foram realizadas por Rafael Lazzarotto Simioni, na companhia do seu amigo e professor Luciano da Costa, por ocasião da chegada na foz do Rio Doce, após uma expedição de 9 dias seguindo a lama e resíduos de mineração da mineradora Samarco. O rompimento da barragem da Samarco em novembro de 2015 devastou os Rios Gualacho e Carmo, na região de Mariana (MG), até o encontro com o Rio Piranga, formando o Rio Doce e espalhando seus rastros de destruição até o Atlântico.

Nas imagens pode-se ver a cor lamacenta do Rio Doce e os resíduos depositados na areia.

Entretanto, importante considerar também os depoimentos dos exploradores dos séculos XVIII e XIX, que apresentam preocupantes registros de que o Rio Doce já se encontrava assoreado e contaminado pelos resíduos da mineração desde meados do século XVIII. Uma prática exploratória e extrativista, típica do modelo colonial, cuja lógica é terminar apenas quando se esgotarem os recursos.

Rafael Lazzarotto Simioni é Pós-Doutor em Filosofia e Teoria do Direito, professor do PPGD/FDSM e associado do Foto Clube Pouso Alegre.







